

UNIFEV - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOTUPORANGA
PEDAGOGIA

KETHELEN ALVES DO NASCIMENTO

**VARIAÇÃO DIALETAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:
CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

VOTUPORANGA

2025

KETHELEN ALVES DO NASCIMENTO

**VARIAÇÃO DIALETAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:
CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Artigo apresentado à Unifev – Centro Universitário de Votuporanga – para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do professor Me. Camilo Augusto Giamatei Esteluti.

VOTUPORANGA

2025

Nascimento, Kethelen Alves do.

Variação dialetal e práticas pedagógicas: contribuições da sociolinguística no ensino fundamental I. / Kethelen Alves do Nascimento. - Votuporanga. Ed. do Autor, 2025.

26 p., 30cm. :il., tab.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Licenciatura) - UNIFEV - Centro Universitário de Votuporanga, Curso de Pedagogia, 2025.

Orientador: Prof. Me. Camilo Augusto Giamatei Esteluti.

1.Sociolinguística. 2. Variação dialetal. 3. Preconceito linguístico. 4. Ensino-aprendizagem. 5. Variações linguísticas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unifev.

Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Bibliotecária Responsável: Marcia Faria Cavalcante - CRB-8/ 10706

UNIFEV - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOTUPORANGA

PEDAGOGIA

KETHELEN ALVES DO NASCIMENTO

**VARIAÇÃO DIALETAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:
CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Artigo apresentado à Unifev – Centro Universitário de Votuporanga – para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do professor Me. Camilo Augusto Giamatei Esteluti.

Aprovado(a): 05/12/2025

Primeiro examinador

Nome: Profa. Esp. Lúcia Helena Menoia da Silva

Instituição: Unifev – Centro Universitário de Votuporanga

Segundo examinador

Nome: Profa. Esp. Michele Sagres Lima

Instituição: Unifev – Centro Universitário de Votuporanga

Prof. Orientador

Nome: Prof. Me. Camilo Augusto Giamatei Esteluti

VOTUPORANGA

2025

Dedico este trabalho à minha criança interior, que enfrentou os preconceitos linguísticos com coragem e me guiou até este momento. Externalizo minha gratidão à minha família e, em especial, à minha mãe, que sempre me ensinou que a educação é a chave para transformar o mundo e a nós mesmos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e à Nossa Senhora Aparecida, por me permitirem chegar até aqui e muito além do que imaginei. À minha família, pelo apoio, acolhimento, incentivo e torcida constante em cada etapa.

Às minhas colegas de turma, que deram significado a essa etapa da vida, dividindo não só os estudos, mas também alegrias, medos e desafios. Aos docentes do curso, que compartilharam além do saber, mas também o afeto. Ao meu orientador, com quem tive a honra de aprender ao longo dessa caminhada, com sabedoria, paciência e bom humor.

E, por fim, agradeço a mim mesma: por não ter medido esforços para buscar meus sonhos, por ter tido coragem de enfrentar meus próprios medos e por me reinventar diante dos desafios e dificuldades ao longo desses anos. Caminhei com fé, persistência e com um objetivo claro no coração: a educação transforma, e eu sou mais uma dos transformados por ela.

VARIAÇÃO DIALETAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Kethelen Alves do Nascimento¹

Resumo:

Este artigo reflete a influência da variação dialetal no ambiente escolar, considerando os desafios e as possibilidades do processo de ensino-aprendizagem, a partir da perspectiva da Sociolinguística. O estudo tem como objetivo compreender como as variações linguísticas impactam na comunicação, no processo de leitura e escrita e na autoestima dos alunos e de que forma se manifestam em sala de aula. A pesquisa foi realizada com alunos do 4º e do 5º ano do Ensino Fundamental - anos iniciais, com diferentes perfis sociais e origens geográficas diversas. A metodologia qualitativa combinou análise bibliográfica e coleta de dados com atividades práticas de oralidade e leitura, registrando e analisando a presença de variantes no ambiente escolar. Os resultados mostraram que os alunos recorreram a pronúncias características de suas regiões de origem, apresentaram trocas de fonemas, silabação e interpretações baseadas no vocabulário cotidiano. Além disso, identificou-se a ocorrência de preconceito linguístico, o que interfere na interação social e no desempenho escolar dos alunos. Conclui-se que a escola deve assumir um papel ativo de reconhecimento das variações linguísticas como parte da identidade cultural dos estudantes e promover práticas pedagógicas que conciliem a diversidade linguística e o ensino da norma-padrão.

Palavras-chave: sociolinguística; variação dialetal; preconceito linguístico; ensino-aprendizagem.

Abstract

This article reflects on the influence of dialectal variation in the school environment, considering the challenges and possibilities of the teaching-learning process from a sociolinguistic perspective. The study aims to understand how linguistic variations impact communication, reading and writing, and students' self-esteem, and how they manifest themselves in the classroom. The research was conducted with 4th and 5th grade students from different social backgrounds and geographical backgrounds. The qualitative methodology combined bibliographic analysis and data collection with practical oral and reading activities, recording and analyzing the presence of variations in the school environment. The results showed that students used pronunciations characteristic of their regions of origin, exhibited phoneme and syllabification shifts, and interpretations based on everyday vocabulary. Furthermore, the occurrence of linguistic prejudice was identified, which interferes with social interaction and academic performance. It is concluded that the school must assume an active role in recognizing linguistic variations as part of the cultural identity of students and promote pedagogical practices that reconcile linguistic diversity and the teaching of the standard norm.

Keywords: sociolinguistics; dialectal variation; linguistic prejudice; teaching and learning.

¹ Centro Universitário de Votuporanga - Unifev. Votuporanga, São Paulo, Brasil. Licenciatura em Pedagogia. E-mail: kethelen09alves@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo principal abordar a Sociolinguística e a influência das variações linguísticas e dialetais no processo de ensino-aprendizagem, considerando que muitos educandos apresentam dificuldades para se comunicar, interpretar textos e interagir com os pares em suas rotinas escolares.

Segundo Alkimin e Camacho (2001), o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística, isto é, as variações presentes em diferentes contextos sociais, culturais e regionais. Essa área busca compreender de que forma tais fatores influenciam o modo como as pessoas falam e escrevem, analisando elementos como gírias, dialetos, sotaques e mudanças linguísticas, entendidos como variações legítimas da língua.

A Sociolinguística contribui para a valorização dessas variações e para o reconhecimento da riqueza da comunicação humana. Nesse sentido, é fundamental compreender sua importância para o processo de aprendizagem, bem como promover a conscientização da diversidade linguística em sala de aula. Ao reconhecer e valorizar as variações dialetais, os educadores favorecem um processo de ensino mais inclusivo e significativo.

Com o intuito de discutir a influência das variações dialetais no processo de ensino-aprendizagem, este artigo busca compreender como essas variações se manifestam no ambiente escolar, quais suas consequências e seus impactos. A escola lida diretamente com tais variações, percebendo-as tanto na comunicação oral quanto na escrita dos alunos.

As variações dialetais desempenham um papel importante na comunicação e no desenvolvimento dos estudantes. Muitas vezes, porém, são vistas como erros ou desvios da norma culta, o que pode gerar dificuldades, afetando a autoestima e o desempenho escolar.

De acordo com Bagno (1999), em todas as línguas do mundo ocorre o fenômeno da variação, o que significa que nenhuma língua é falada de maneira idêntica em todos os lugares, assim como nem todos os indivíduos a utilizam da mesma forma. Essa realidade, entretanto, costuma alimentar preconceitos linguísticos ou até a exigência de que o aluno fale exatamente como se escreve.

O estudo tem, portanto, a relevância de analisar esses fenômenos em uma realidade marcada por diferentes perfis sociais. É preciso demonstrar que a criança vinda do interior da Bahia, que pronuncia “purinqunto”, não é menos desenvolvida do que a que mora em São Paulo e diz “por enquanto”. Situações como essa evidenciam como a Sociolinguística está presente no cotidiano escolar.

É necessário manter um olhar atento para que a presença de variações em sala de aula não seja associada a preconceitos. O docente deve reconhecer a relevância desse tema, entendendo que as variações são inevitáveis e, com o tempo, podem até se neutralizar por meio da adaptação linguística.

Um exemplo claro ocorre com alunos vindos do Nordeste que, ao ingressarem na Educação Infantil, mantêm seu sotaque e expressões típicas. Contudo, ao avançarem para o Ensino Fundamental, parte desse vocabulário tende a ser neutralizada devido à convivência com novos colegas e professores, em um processo natural de adaptação.

Dessa forma, a investigação sobre a Sociolinguística e a presença das variações ultrapassa o âmbito escolar, estando presente em toda a sociedade. A Sociolinguística, nesse contexto, desempenha um papel relevante na compreensão das variações linguísticas e na promoção de um ambiente escolar inclusivo. Reconhecer tais variações como fenômenos naturais da língua contribui para valorizar a identidade dos educandos e reduzir o preconceito linguístico.

Discutir a influência das variações dialetais no contexto educacional amplia a compreensão sobre a língua e favorece a qualidade do ensino. A escola, como espaço de construção do conhecimento, deve incentivar o respeito às diferenças linguísticas, garantindo que todos os alunos se sintam valorizados em sua forma de expressão. Assim, a diversidade linguística pode se transformar em recurso positivo, promovendo uma educação significativa e respeitosa das particularidades de cada indivíduo.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a influência das variações dialetais no processo de ensino-aprendizagem, identificando seus impactos na comunicação, interpretação e interação dos alunos no ambiente escolar. Busca-se compreender como essas variações são percebidas e qual sua relevância para a construção de práticas pedagógicas significativas.

Os objetivos específicos são:

- Identificar e registrar as variações dialetais presentes nas falas espontâneas e guiadas dos alunos, analisando como se manifestam em diferentes contextos e atividades.
- Investigar a influência de fatores sociais, culturais e regionais na linguagem, observando como esses aspectos impactam a comunicação e interação em sala de aula.
- Analisar a relação entre variação dialetal e compreensão de leitura, verificando se a forma de falar interfere na interpretação e fluência.
- Comparar variações linguísticas entre alunos da zona rural e urbana, identificando padrões de fala distintos e possíveis neutralizações.

- Compreender os impactos das variações dialetais na autoestima e no desempenho escolar, avaliando se influenciam a segurança na oralidade e na escrita.
- Analisar a percepção dos educadores sobre a diversidade linguística, identificando estratégias utilizadas para trabalhá-la.
- Relacionar as variações observadas com os conceitos da Sociolinguística, por meio da revisão de literatura, fundamentação teórica e análise de dados.
- Investigar diferenças de pronúncia e vocabulário entre alunos nativos da região e migrantes de outros estados, verificando adaptações ao longo do tempo.
- Observar a adaptação linguística das crianças durante a escolarização, analisando neutralização de sotaques e mudanças de vocabulário.
- Investigar as variações linguísticas nas produções orais e escritas, comparando formas de expressão em diferentes atividades (conversas, leituras e redações).
- Analisar estratégias de adaptação utilizadas pelos alunos diante de textos complexos, verificando tendências de neutralização.
- Explorar a influência das variações dialetais na interação entre pares, avaliando reações às diferentes formas de expressão.
- Estudar o impacto das variações linguísticas no desenvolvimento da leitura e escrita, observando dificuldades em relação à norma padrão.
- Investigar a percepção dos próprios alunos sobre suas variações, analisando se se sentem confortáveis ou constrangidos em diferentes contextos.
- Compreender como alunos de diferentes perfis sociais e linguísticos lidam com a norma culta, verificando resistências ou facilidades em transitar entre variedades da língua.
- Observar os efeitos das variações dialetais na compreensão dos conteúdos curriculares, avaliando se a forma de falar interfere na aprendizagem.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: SOCIOLINGUÍSTICA, VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A Sociolinguística é o campo de estudo que investiga a relação entre língua e sociedade. Ela analisa fatores sociais como gênero, idade, etnia, classe social e localização geográfica, buscando compreender de que forma a linguagem é influenciada por esses elementos e qual o seu papel nas interações sociais. Para Alkimin e Camacho (2001):

Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o

estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos (Alkimin; Camacho, 2001, p. 31 – grifo dos autores).

Ao observarmos diferentes comunidades, percebemos de imediato a existência de variações linguísticas. Cada grupo social se caracteriza por modos próprios de falar, fenômeno que a Sociolinguística denomina variação linguística (Alkimin; Camacho, 2001).

Essas variações podem ser classificadas em quatro aspectos. A variação geográfica (ou diatópica) refere-se às diferenças de fala entre regiões. Por exemplo, a “bola de gude” pode ser chamada de “ximbra” ou “birosca” em diferentes estados do país. Já a variação social (ou diastrática) está relacionada às formas de linguagem utilizadas por diferentes grupos sociais, como o vocabulário técnico característico de médicos ou eletricitistas.

As variantes são ramificações naturais da língua, ocasionadas por diversos fatores, como o contexto em que o falante está inserido. No Brasil, país de grande extensão territorial e de múltiplas comunidades, a adaptação do vocabulário ocorre de forma natural, resultado das interações sociais e das necessidades de comunicação.

O dialeto brasileiro é plural e rico em sons, expressões e sotaques, refletindo a imensa diversidade cultural do país. De Norte a Sul, cada região imprime suas marcas na língua portuguesa, incorporando palavras de diferentes origens. Essa pluralidade vai além da pronúncia: expressa modos de pensar, sentir e se relacionar, evidenciando a história e a identidade de cada povo.

O falar brasileiro, com suas gírias, ditados e ritmos próprios, é um testemunho vivo da criatividade e da capacidade de transformação de um país que, mesmo vasto e diverso, encontra na língua um ponto de união coletiva. As variações linguísticas também dizem respeito ao uso da linguagem formal e informal, aplicadas conforme o contexto em que estão inseridas. A linguagem formal segue as normas gramaticais e é utilizada em ambientes profissionais ou acadêmicos, enquanto a informal caracteriza-se pela comunicação descontraída e flexível, típica de situações cotidianas.

As variações históricas (diacrônicas) correspondem a formas de linguagem utilizadas no passado e que caíram em desuso atualmente, sendo encontradas em textos, músicas ou documentos antigos. Exemplo: “Cá estou para servi-lo” evoluiu para “Estou aqui para te ajudar”.

Já as variações estilísticas (diafásicas) acontecem quando um mesmo falante adapta sua linguagem de acordo com a situação ou o interlocutor. Por exemplo, ao falar com um amigo:

“Bora sair mais tarde?”, e ao se dirigir a um chefe: “Gostaria de saber se o senhor está disponível para uma reunião mais tarde”.

Esse conjunto de variações enriquece a língua e a torna única, já que diferentes grupos sociais a utilizam de maneiras diversas, de acordo com seus costumes e necessidades de comunicação. Assim, é possível analisar como a linguagem se adapta às experiências culturais, sociais e históricas de cada comunidade. A pluralidade linguística promove a troca de saberes, favorece a convivência entre diferentes formas de expressão e reflete a identidade dos grupos, compondo um cenário dinâmico e em constante transformação.

As variações linguísticas podem ser vistas como um mosaico cultural, em que cada fragmento representa uma história e uma vivência singulares. Palavras de origem rural, por exemplo, refletem a relação com a natureza, enquanto termos surgidos em contextos urbanos traduzem a dinâmica acelerada das grandes cidades.

Ao falar de variação linguística, referimo-nos aos diferentes modos de expressão dentro de uma mesma língua, que envolvem escolhas de palavras, formas de construir enunciados e até o tom empregado na fala. A língua, como forma de expressão, transforma-se de acordo com a cultura, a região, o período histórico, o contexto social, as vivências e as necessidades tanto do indivíduo quanto do grupo ao qual pertence.

Assim, ao reunir essas diferentes formas de comunicação, a língua torna-se um retrato da sociedade. Cada voz, carregada de variações, contribui para a construção de um legado cultural coletivo que enriquece a identidade de todos. As variações trazem consigo a ideia de pertencimento a grupos e comunidades, conectando pessoas por meio de semelhanças linguísticas. Nesse sentido, Alkimi e Camacho (2001, p. 32) afirmam: “Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas.”

Essa diversidade linguística nos leva a questionar preconceitos e estereótipos que frequentemente recaem sobre formas de falar consideradas “não padrão”. Muitas vezes, tais variações são desvalorizadas ou vistas como inferiores em comparação às formas ditas normativas. Contudo, ao desconstruirmos essas noções preconcebidas, abrimos espaço para um diálogo mais inclusivo, que valoriza todas as vozes e compreende a pluralidade como riqueza, e não como limitação.

Segundo Bagno (2013), só é possível rotular um modo de falar como dialeto ou língua quando se reconhece que determinado grupo social faz uso dessa variedade. Ele ainda destaca

que, embora os materiais didáticos insistam em “falantes do padrão”, no Brasil ninguém fala exatamente a norma-padrão. Isso porque ela é uma construção idealizada, usada sobretudo em contextos formais e registros escritos, distante da prática cotidiana da população, que se comunica por meio de variedades populares igualmente legítimas.

O preconceito linguístico, conceito discutido por Bagno, refere-se à prática de julgar ou inferiorizar uma pessoa com base na forma como se expressa, seja na fala ou na escrita. Em essência, trata-se da rejeição de diferentes modos de comunicação, como sotaques, escolhas vocabulares ou construções gramaticais. Essa discriminação se fundamenta na crença de que existe apenas uma maneira correta ou superior de usar a língua, o que leva à marginalização dos que não seguem esse padrão, promovendo exclusão social e desvalorização cultural.

Muitas vezes, o conhecimento é utilizado para estabelecer hierarquias. Um exemplo é quando alguém com menor escolarização pronuncia a palavra “menas” e é imediatamente considerado inferior, enquanto quem diz “menos” é visto como culto e educado. Nesse caso, a variação linguística é usada como justificativa para diminuir o outro, reforçando a desigualdade.

Assim, o preconceito linguístico perpetua a exclusão ao associar a linguagem ao status intelectual e cultural. Essa prática desconsidera a legitimidade das diferentes formas de expressão e cria barreiras para a inclusão. É necessário desconstruir essa mentalidade, de modo a valorizar as múltiplas manifestações linguísticas e promover a equidade.

A forma como as variantes são tratadas na escola tem impacto direto na postura dos alunos em relação às diferenças de fala. Quando a instituição privilegia apenas a norma-padrão, reforça a ideia de que certos modos de falar são inferiores, perpetuando o preconceito. Por outro lado, ao reconhecer a legitimidade das diversas variantes, a escola pode estimular um ambiente de respeito e valorização das expressões culturais presentes entre os estudantes.

Um princípio essencial da Sociolinguística é que todas as formas de linguagem possuem uma estrutura lógica e cumprem funções específicas. Não existem línguas “pobres” ou “ricas”: cada variedade tem sua organização própria, com regras que tornam a comunicação possível e significativa (Alkimin; Camacho, 2001).

As variações estão presentes no cotidiano dos indivíduos e, no ambiente escolar, podem gerar tensões durante interações e diálogos. Muitas vezes, alunos não compreendem determinados vocábulos utilizados por seus colegas e recorrem a falas preconceituosas, como: “Você é burro, não entendi nada que ele falou” ou “Isso não é mexerica, é tangerina”.

Em situações como essas, a intervenção da equipe escolar é necessária para esclarecer que a língua apresenta variantes e que as pessoas se comunicam de maneiras diferentes. É

preciso reafirmar que não existem formas certas ou erradas de falar, mas sim diferentes variedades, próprias de um país extenso e diverso como o Brasil.

Entre as principais variedades linguísticas estão os dialetos regionais, as gírias, os jargões profissionais, além das variações ligadas à etnia, à faixa etária e ao gênero. Cada uma dessas formas apresenta características próprias, igualmente válidas e dignas de respeito.

A variação linguística reflete a evolução e a mudança das línguas ao longo do tempo. A linguagem acompanha as necessidades e identidades dos falantes, incorporando novas expressões, modificando estruturas e criando variações que enriquecem a comunicação. Compreender essas transformações é essencial para valorizar a diversidade linguística e combater preconceitos.

Os dialetos são uma das formas mais evidentes de variação, pois revelam as particularidades regionais de uma mesma língua. Cada dialeto possui traços específicos de pronúncia, vocabulário e gramática, moldados por fatores históricos, culturais e sociais. Essa diversidade mostra como a língua se adapta às realidades e identidades de seus falantes, enriquecendo a comunicação e refletindo a pluralidade cultural de uma nação. Longe de serem formas “erradas” de falar, os dialetos são expressões legítimas da língua em uso.

As gírias também ocupam lugar de destaque, sobretudo entre os jovens. Presentes em contextos informais, funcionam como marcadores de identidade e pertencimento a determinados grupos sociais, refletindo comportamentos, tendências culturais e modos próprios de interpretar o mundo. Além disso, as gírias são dinâmicas e passageiras: muitas surgem, se popularizam e desaparecem rapidamente, acompanhando as transformações sociais e tecnológicas. Essa renovação constante mostra que a língua é viva e está sempre em adaptação:

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o ‘melhor’ ou o ‘pior’ português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. Se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte do preconceito. Temos de levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, a culta inclusive (Bagno, 1999, p. 51).

A reflexão sobre o preconceito linguístico nos convida a repensar as estruturas sociais que atribuem valor à linguagem com base em estereótipos que excluem grupos inteiros. A ideia de que existe um “português correto” e uma “forma errada de falar” revela uma lógica elitista, que coloca as variedades populares como inferiores, quando, na realidade, todas as formas de comunicação têm a mesma capacidade de expressão.

A imposição de uma norma linguística única ignora a riqueza de um país como o Brasil,

cuja diversidade cultural se manifesta nas múltiplas maneiras de falar e se relacionar com o mundo. Ao desvalorizar essas variações, perpetuamos um ciclo de exclusão e desigualdade, marginalizando aqueles que não se encaixam nos padrões impostos.

Mudar essa mentalidade exige esforço coletivo, sobretudo nas instituições educacionais, que desempenham papel decisivo na formação de valores e atitudes. Cabe à escola ensinar a norma culta sem menosprezar outras formas linguísticas, mostrando aos alunos que a linguagem é reflexo da identidade e da cultura de cada indivíduo. O reconhecimento da pluralidade linguística como riqueza, e não como obstáculo, é condição para uma sociedade mais inclusiva.

Uma verdadeira educação linguística deve ser pautada no respeito e na valorização das diferentes expressões, em que o “erro” não seja entendido como inferioridade, mas como variação, experiência e história. Para isso, é necessária uma formação docente eficaz, que influencie práticas pedagógicas e metodologias em sala de aula. Projetos e atividades podem demonstrar aos alunos, na prática, que as variações fazem parte do cotidiano.

Toda produção textual carrega uma variação linguística – inclusive a norma-padrão, que também é apenas uma das formas da língua. Para identificar a linguagem utilizada, é preciso observar se o texto é formal ou informal. Os sinais podem ser: presença de gírias ou jargões de grupos sociais específicos; uso de termos arcaicos; expressões regionais; abreviações informais como “vc” (você) e “pq” (porque); além de desvios da norma-padrão, intencionais ou não, e do emprego de linguagens técnicas, como a jurídica ou a médica.

Diante do exposto, a Sociolinguística mostra que a variação linguística é um fenômeno natural em qualquer comunidade. A diversidade de expressões revela a riqueza cultural do Brasil e comprova que todas as formas de fala possuem regras próprias e cumprem funções específicas de comunicação. Reconhecer e respeitar essas variações é indispensável para evitar julgamentos preconceituosos que reforçam desigualdades.

Compreender a variação linguística, portanto, vai além da linguagem: trata-se de um debate sobre inclusão e identidade. Ao valorizar a pluralidade das formas de expressão, reafirma-se a ligação da língua com os contextos socioculturais em que se manifesta. Dessa forma, a educação assume um papel transformador, capaz de promover respeito às diferenças e desconstruir preconceitos enraizados.

2 PERCURSO METODOLÓGICO E INVESTIGAÇÃO EM CAMPO

A pesquisa foi realizada a partir da análise de variações dialetais espontâneas (falas) e guiadas (leituras) de alunos de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental – anos

iniciais, localizada no município de Américo de Campos, São Paulo. Foram selecionados cinco alunos da instituição, contemplando diferentes perfis sociais: idades, cores, sexos, classes sociais, locais de moradia (zona rural e urbana) e também crianças migrantes de outros estados do país. O objetivo foi analisar os níveis de leitura e as variações linguísticas presentes nas falas dessas crianças. Além disso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para compreender a visão de autores sobre Sociolinguística e variação dialetal.

O processo iniciou-se com um bate-papo informal entre a pesquisadora e os alunos, buscando criar vínculo e estabelecer confiança. Durante a conversa, as crianças relataram experiências de vida e circunstâncias que as levaram ao município em questão. Em seguida, foi proposta uma atividade de produção oral: os alunos receberam material didático impresso, contendo imagens, frases e uma fábula infantil produzida com auxílio da IA (ChatGPT). Eles deveriam realizar a leitura em voz alta e explicar o que representava cada figura, além de interpretar as frases e o texto apresentados.

No decorrer da atividade, foram realizadas intervenções pontuais para auxiliar as crianças, sempre respeitando seus níveis de leitura. Os alunos foram incentivados a se expressar livremente, de modo que as variações presentes em suas falas pudessem ser observadas e analisadas, independentemente de seu domínio da escrita.

Quadro 1- Material utilizado para averiguação com alunos

Imagens:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

11 12 13 14 15

Frases:

1. Ele olhou pela janela para ver a chuva.
2. O abacaxi está maduro na feira.
3. O caminhão passou rápido na estrada de terra.
4. Ela subiu a escada correndo para buscar o brinquedo.
5. Ele abraçou o travesseiro e dormiu no sofá.
6. O ônibus chegou atrasado hoje.
7. Olhe no espelho para ver seu sorriso.
8. Feche a porta para não entrar vento.

9. O cachorro latiu alto no quintal.
10. O pintinho correu para o galinheiro.
11. A cebola faz chorar quando é cortada.
12. Brincamos no parque até anoitecer.
13. A geladeira está cheia de frutas.
14. A menina correu porque estava atrasada para a escola.
15. A dentista falou para escovar os dentes.

Fábula: O Pintinho e o Abacaxi

Era uma vez um pintinho muito curioso que morava perto de uma escada atrás da geladeira da casa da vovó. Um dia, ele decidiu sair para passear no parque com seu melhor amigo, o cachorro Bolinha.

No caminho, o pintinho viu um enorme abacaxi no meio da estrada.

— O que será isso? — perguntou ele, coçando a cabeça com o bico.

Bolinha respondeu:

— Acho que é uma fruta! Mas cuidado, tem farinha grudada!

Eles resolveram levar o abacaxi para a janela da casa da vovó, onde poderiam ver melhor. Mas havia um problema: tinham que subir na escada e depois entrar pela porta, que estava trancada.

— Vamos chamar o trabalhador que arruma as coisas por aqui! — disse o pintinho.

— Você quis dizer o trabalhador do telhado? — respondeu o cachorro, confuso.

No meio da confusão, passou um ônibus e assustou os dois.

— Corre! — gritou o pintinho, tropeçando num travesseiro velho que alguém jogou no chão.

Mais tarde, a vovó apareceu com um espelho nas mãos.

— Que bagunça é essa, crianças?

O espelho refletiu o abacaxi sujo de farinha, o pintinho cheio de pó e o cachorro com um chiclete grudado na orelha.

Todos riram. E a vovó disse:

— Agora, tomem um banho e depois vamos ao dentista! Comer esse abacaxi assim vai estragar os dentes!

Eles obedeceram e, no final do dia, contaram toda a aventura enquanto comiam arroz com cebola na janta.

Moral da história: Curiosidade é boa, mas com cuidado e companhia, a aventura é muito mais divertida!

Fonte: Da autora.

Fonte: Da autora.²

² A metodologia aplicada baseou-se em entrevistas entre a autora e os alunos. Apenas a aluna “A” precisou de intervenções, pois não conseguiu identificar e nomear as figuras apresentadas.

1 Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/6e/3c/67/6e3c679028ec3727e00e82b361273e2a.jpg> Acesso em: 10 jun. 2025.

2 Disponível em: https://media.istockphoto.com/id/864027154/pt/vetorial/illustration-of-pineapplevectorillustration.jpg?s=612x612&w=0&k=20&c=DiMAo3HLCFda0NeME8bQo-vHY7Yw2QIAOsJHx_J2Sj0= Acesso em: 10 jun. 2025.

3 Disponível em: https://image.freepik.com/vetores-gratis/ilustracao-de-caminhao-de-transporte-desenhado-a-mao_23-2149163911.jpg Acesso em: 10 jun. 2025.

4 Disponível em: <https://thumbs.dreamstime.com/b/estilo-de-desenho-do-%C3%ADcone-da-escada-degraus-animado-vetor-para-design-web-isolado-em-fundo-branco-212022754.jpg> Acesso em: 10 jun. 2025.

5 Disponível em: https://img.freepik.com/vetores-gratis/almofadas_1308-16584.jpg Acesso em: 10 jun. 2025.

6 Disponível em: <https://thumbs.dreamstime.com/b/ilustra%C3%A7%C3%A3o-do-desenho-vetor-%C3%B4nibus-da-cidade-115948061.jpg> Acesso em: 10 jun. 2025.

7 Disponível em: <https://static.vecteezy.com/ti/vetor-gratis/p1/13723769-espelho-dourado-ilustracao-em-fundo-branco-vetor.jpg> Acesso em: 10 jun. 2025.

8 Disponível em: <https://static.vecteezy.com/system/resources/previews/012/932/869/original/wood-door-design-png.png> Acesso em: 10 jun. 2025.

9 Disponível em: https://image.freepik.com/vetores-gratis/ilustracao-de-personagem-de-desenho-animado-de-cachorro-animado_7232-123.jpg Acesso em: 10 jun. 2025.

10 Disponível em: https://http2.mlstatic.com/decoraco-festa-kit-display-mesa-D_NQ_NP_196721-MLB20833173710_072016-F.jpg Acesso em: 10 jun. 2025.

11 Disponível em: https://image.freepik.com/vetores-gratis/cebola-isolada-no-branco_1268-12405.jpg Acesso em: 10 jun. 2025.

12 Disponível em: <https://static.vecteezy.com/ti/vetor-gratis/p3/13308671-paisagem-de-parque-infantil-com-slide-balanco-bicicleta-e-gangorra-ilustracao-dos-desenhos-animados-vetor.jpg> Acesso em: 10 jun. 2025.

13 Disponível em: https://img.freepik.com/fotos-premium/um-estilo-de-desenho-animado-refrigerado-em-fundo-branco_862994-418344.jpg Acesso em: 10 jun. 2025.

14 Disponível em: <https://www.contioutra.com/content/uploads/2015/11/capa-escola2.jpg> Acesso em: 10 jun 2025

15 Disponível em: https://st3.depositphotos.com/6222352/12491/v/950/depositphotos_124918024-stock-illustration-cartoon-dentist-doctor-with-tooth.jpg Acesso em: 10 jun. 2025.

Durante as interações, os áudios foram gravados para posterior transcrição completa, que está inserida neste artigo. A reescrita dos dados coletados permitiu analisar parte das variações que circulam tanto na sociedade brasileira quanto no ambiente escolar. O português, em especial o brasileiro, revela uma grande diversidade linguística, e os registros apresentados neste estudo constituem mais uma forma de comprovação dessa riqueza.

A seguir, são apresentados quadros com trechos das entrevistas realizadas com os alunos, nos quais é possível observar diferentes manifestações de variação linguística.

Quadro 2 - Aluno A

Aluno A: “janela, abacaxii,
 (Autora) - Como chama esse? Aquele grandão que transporta coisas dentro?
 (Aluno) - Ai, esqueci o nome.... Caminhãum
 Iscada, travissero, ônibus, ispeio, pórtá, cachorru, pintinhu, cebola,
 (Autora) - Onde as crianças brincam?
 (Aluno) - Parquinhú, geladeira, escola, doutora?
 (Autora) - É uma doutora, mas como chama a doutora que cuida dos dentes?
 (Aluno) - Médica? Ah, dentista.”

Leitura e análise das frases:

“Eli olhou pera janela para vê a chuva.
 O abacaxi esta maduru na fêra.
 U caminhãum passo rápido na istrada de terra.
 Ela subiu na escada correnu para busca o brinquedu.
 Eli abraço u travissero i durmiu nu sofá.
 U ônibus chego atrasadu hoji.
 Olha nu ispelhu para veer o seu sorissu.
 Feicha a pórtá para não entrar ventu.
 O cachorro latiu alto nu quintal.
 U pintin correu pra u galinhero.
 A cebola faiz chora quando é córtada.
 Brincanu nu parqui até anoitecê.
 A geladeira tá cheia de fruta.
 A minina purque tarava atrasada pra iscola.
 A dentixta farou pra iscova os denti.”

Leitura e análise do texto:

“A fábula do pintchinho e u abacaxi...
 Era uma veiz um pintchinho muinto curioso que morava pertu de uma iscola...escada atrás da geladeira da casa da vovò. Um dia, ele decidiu sair pra passar no párqe com seu melhor amigu, o cachorru bólinha.
 No caminhú, o pintchinu viu um enome abacaxi nu meu da iestrada.
 — O que será isso? — perguntou ele, coçandu a cabeça coum o bico.
 (Pulou a frase durante a leitura)
 — Acho que é um fruta! Mas cui...cuidado, tem farinha grudada!
 Eles resolveu...resolveram levar u abacaxi para a janela da casa da vovó, onde poderiam ver melhor. Mas hauvia um poblema: tinha que subir na escada e depois entrar pela pórtá, que estava trancada.
 — Vamos chamar o trabalhador que arruma as coisas por...pôr aqui! — disse ô pintinho.
 — Você quis dizer o trabalhador...trabalhar-dor do telhado? — respondeu o cachorro, con...confuso.
 No meio da confusão, passa um ônibus e assustou os dois.
 — Correm...Corre! — gritou o pintinho, tropeçado...tropeçando num travesseiro velho que alguém jogou no chão.
 Mais tarde, a vovó apareceu com um espelhu nas mãos.

— Que bagunça é...é essa, crianças?
 Oh espelho refletiu o abacaxi suju de farinha, o pintquinho cheio de pó e o cachorru coum um chiclete gru...grudado na orelha.
 Todos riram. E a vovó disse:
 — Agora, tom...tomem um banho e depois vamos ao dentista! Comer esse abacaxi assim vai entrar os dentes...estragar os dentes!
 Eles obesteram...obeceram...obe-de-ce-ram e, no final do dia, encontraram todas as aventuras enquanto comiam arroz coum cebola no jantar.
 Moral da história: Curiosidade é bom, mas com cuidado é com-panhia, a aventura é muito mais divertida!”

Quadro 3 - Aluno B

Aluno B: “Janela, abacaxi, caminhãum, iscada, travessero, ônibus, é... ispelhu, pórtá, cachorru, pintinhu, cebola i parquinho, e.. geladeira, excola e dêntista.”

Leitura e análise das frases:

“Eli olou...olhou pela janela vê a chuva...para ver a chuva.
 O abacaxi estava mui...maduru na fêira.
 O caminhãum passou rápido na estrada da terra.
 Ele subiu a escada corren-do para buscar o brinquedo.
 Ele abraçou o...u travissero e durmiu no sofá.
 O ônibus chego atras...atrasadu hoji.
 (Pulou a frase durante a leitura)
 Feicha a pórtá para não entrar ventu.
 O cachorro latiu alto no quintal.
 O pintinhu correu para o galinheiro.
 A cebola faiz chorar quando corta.
 O brinquedo nu parqui está a..anoi-te-cer.
 A... a geladeira está cheia de frutas.
 A menina correu porque estava atrasada para a escola.
 A dentista falou para...para escovar os dentes.”

Leitura e análise do texto:

“A fábula do pintquinho e o abacaxi

Era uma vez um pintinho muito curioso que morava pertu de uma ca...escada atrás...atrás da gá...géladeira da casa a vovó. Um dia, ela decidiu sair para... para pes...passear no párqe com seu melhor amigo, o cachorru bólinha.

No caminhu, o pintchinu viu um enorme abacaxi no meio... da estrada.

— O o...que será isso? — perguntou ele, a...co.. a...çoçan... acoçandu... ah coçando a cabeça coum...bico com o bico.

Bolinha respondeu:

— Acho que é uma fruta! Mais cuidado que... cuidado, tem fa-farinha grudadas grudada!

Ele resobe-resolveu levar o abacaxi para a jan... janela para a casa da vovó, onde poderia ver melhor. Mas havia um problema: tinha que subir a escada depois entrar pela porta...por..pórtá, que estava trancada.

— Tinha...Vamos chamar o trabalha-dor trabalhador que arruma as coisas pôr aqui! — disse o... disse ô pintquinho.

— Você quis dizer o o tra... o trabalho o traa.. trabalhador an?... o tra-ba-lhar-dor do telhado? — respondeu o ô cachorro, confuso.

É... No meio da confusão, passou um ônibus e assustou os dois.

— Corriiiii! — gritou o pintinho, tro... tro...peçando num travesseiro velho que alguém jogou no chão.

Mais tarde, a vovó a-pa-re-ceu com um espelhu na...nas mãos.

— Quê bagunça essa casa, crianças?

Oh espelho re-fletiu o abacaxi sujo de farinha, o pintquinho cheio de pó... e o cachorru coum um chiii-cléti grudado na orelha.

Todos riram da vovó, todos riram da vovó. Disse:

— Agora, tomem um banho e de... di.. e depois vamos ao dentista! Co...comer esse abacaxi assim vai estragar os dentes!

Eles obeceram e, no final o dia, con-taram todo...toda a aventura en-quanto camiam arro...comiam arroz coum cebola na janta.

Moral da história: Curiosidades é boa, mais com cui-dado e companhia, a aventura é muito mais divertido!”

Quadro 4 - Aluno C

Aluno C: “ Janela, abacaxi, caminhão, escada, travesseiro, ônibus, ispelhu, pórtá, cachorru, passarinho, cebola i parqui, geladeira, iscola e dentista?”

Leitura e análise das frases:

“Eli olhou pela janera...janela para ver a chuva.
 O abacaxi esta maduru na feira.
 O caminhão passou rápido na estrada di terra.
 Ela subiu a escada correndo para buscar o brinquedo.
 Ele abraçou u travissero e durmiu no sofá.
 O ônibus chegou atrasado hoji.
 Olhe no espelho para ver seu sorriso.
 Feche a pórtá para não entrar vento.
 O cachorro latiu alto no quintal.
 O pintinhu correu para o galinheiro.
 A cebola faz chorar quando é cortada.
 Brincamos no parque até anoitecer.
 A geladeira está cheia de frutas.
 A menina correu porque estava atrasada para a iscola.
 A dentista falou para escovar os dentes.”

Leitura e análise do texto:

“Fábula: O Pintinho e o Abacaxi

Era uma vez um pintinho muito curioso que morava perto de uma escada atrás da geladeira da casa da vovó. Um dia, eli decidiu sair para passear no parque com seu melhor amigo, u cachorru Bolinha.

No caminho, u pintinho viu um enorme abacaxi no meio da estrada.
 — O que será isso? — perguntou ele, coçando a cabeça coum o bicu.

Bolinha respondeu:

— Acho que é uma fruta! Mas cuidado, tem farinha grudada!

Eles resolveram levar o abacaxi para a janela da casa da vovó, onde poderiam ver melhor. Mas havia um problema: tinham que subir na escada e depois entrar pela pórtá, que estava trancada.

— Vamos chamar o trabalhador que arruma as coisas por aqui! — disse o pintinho.

— Você quis dizer o trabalhar du telhado? — respondeu o cachorro, confuso.

No meio da confusão, passou um ônibus e assustou us dois.

— Corriii! — gritou o pintinho, tropeçando num trabissero velho que alguém jogou no chão.

Mais tarde, a vovó apareceu com espelhus na mão... um espelho nas mãos.

— Que bagunça é essa, crianças?

O espelho refletiu o abacaxi sujo de farinha, o pintinho cheio de pó e o cachorro coum um chiclete grudado na orelha.

Todos riram. E a vovó disse:

— Agora, tomem um banho e depois vamos ao dentista! Comer esse abacaxi assim vai estragar os dentes!

Eles obedeceram e, nu final do dia, contaram toda a aventura enquanto comiam arroz coum cebola na janta.

Moral da história: Curiosidade é boa, ma cuidado e companhia, a aventura é muito mais divertida!”

Quadro 5 - Aluno D

Aluno D: “Jánela, abacaxi, caminhãun, iscada, dois trabisseiros, um ônibus, um ispelhu, uma pórtá, um cachorru, um pintchinhu, uma cebola, um parquinho... géladeira, uma escola e o dentísta.”

Leitura e análise das frases:

“Primeira: Ele olhou pela jánela para ver a chuvá.
 Segunda: U abacaxi está maduru na fêra.
 Terceira: U caminhãun passô rápido na estrada da...de terra.
 Quarta: Ela subiu a escada correndo para buscar ô brinquedo.
 Quinta: Eli abraçô u travesserô i dormiu nu sofá.
 Sexta: U ônibus chegô atrasadu hoji.
 Sétima: Olhi nu ispelhu para ver seu sorriso.
 Oitavulá: Feiche a pórtá para não entrar ventu.
 Nona: U cachorru latiu altu nu quintal.

Décima: U pintinhu correu para um galinheru.
 Décima primeira: A cebola faiz chorá quando...quando é córtada.
 Décima segunda: Brincamos no párcui até anoitecer.
 Décima terceira: A géladera está cheia de frutas.
 Décima quarta: A minina correu porque estava atrasada para a escola.
 Décima quinta: O dentista... a dentista falô para éscovar us dentis.”

Leitura e análise do texto:

“Fábula: O Pintinho e o Abacaxi

Era uma vez um pintinho muito curioso que morava perto de uma escada atrás da geladeira da casa da vovó. Um dia, eli decidiu sair para passear no parqui com seu melhor amigo, u cachorru Bólinha.

No caminhu, u pintinho viu um enorme abacaxi no meio da istrada.

— O que será que é issuu? — perguntou ele, cóçandu a cabeça coum o bicu.

Bolinha respondeu:

— Acho que é uma frutaaa! Mas cuidadu, tem farinha grudada!

Eres resolverem levar o abacaxi para a janela da casa da vovó, onde poderiam ver melhor. Mas havia um problema: tinha que subir na escada e depois entrar pela pórtá, que estava trancada.

— Vamos chamar o trabalhador que arruma as coisas por aqui! — disse o pintinho.

— Você... você quis dizer o trabalhar du telhado? — respondeu o cachorru, confuso.

No meio da confusão, passou um ônibus e assustou us dois.

— Corrii! — gritou o pintinho, tropeçando num travesseiro velho que alguém jogou no chãu.

Maixx tarde, a vovó apareceu com um espelho nas mão.

— Que bagunça é essa, crianças?

O espelhu refletiu o abacaxi xujo...sujo de farinha, o pintinho cheio de pó e o cachorru coum um chiclete grudado na orelha.

Todos... o espelho... todos riram. E a vovó disse:

— Agora, tomem um banhô e depois vamos ao dentista! Comer esse abacaxi assim vai estragar os dentes!

Eles obedeceram e, nu final do dia, contaram toda aventura enquanto comira arroz coum cebola na janta.

Moral da história: Curiosidade é boa, ma cuidado e companhia, a aventura é muito mais divertida!

Quadro 6 - Aluna E

Aluna E: “Janela, escada, espelhu, pato, abacaxi, trabisserô, pórtá, cibola, camionete, onbius, cachorru, parquim, géladera, escola, médica.”

Leitura e análise das frases:

“Ele olhou pela janela para vê a chave.. chava.

O abacaxi esta maduru na fe-i-ra.

O caminho passou rápido na estrada de terra.

Ele subiu a escola correndo para buscar o brinquedo.

Ele abraçou o travesseiro e dor-mi..miu no sófá.

O ônibus chegou atrasado hoji.

O olho... olhei no espelho para vê seu sorriso.

(Pulou a frase durante a leitura)

O cachorro la...latiu al-to no quintal.

O bintinhu correu para o galineiro.

A cebola fez chó...chórar que dó é contada.

Brin-ca-mos no parque até na anaitecer.

(Pulou a frase durante a leitura)

A menina correu por-que estava atrasada para a iscola.

A dentista falou para es-co-var os dente.”

Leitura e análise do texto:

“Fábula: O Bintinho e o Abacaxi

Era uma vez pintinho muito curioso que mo-ra-va perto de uma es..escada atrás da geladeira de casa da vovó.

Um dia, ele decidiu sair para pessear no parque com sua melhor amiga, o cachorro Bolinha.

No caminho, o bintinho viu um énome abacaxi no meu da estrada.

— O que será isso? — perguntou ele, co-çando a ba..be o cabelo com o bico.

Bolinha respondeu:

— Acho que é um fruta! Mas cuidado, tem farinha grudada!

Ele resolveu levar o abacaxi para a janela de casa da vovó, onde poderiam ver melhor. Mais havia um problema:

tinha que subir na escada e depois intrar pela porta, é estava trancada.
 — Vamos chamar o trabalhador que arruma as coisas por aqui! — disse o bi..pintinho.
 — Vam...você quis dizer o tra-ba-lha-dor do tenlhado? — respondeu o cachorru, con-fu-so.
 No meio da cafusão, passou um ônibus e assunstou os dis...dois.
 — Correu! — gritou o bin...pintinho, tropeçando num tranvesseiro ven...venlho que algum jogado jogou no chão.
 Mais tár...tarde, a vovó apareceu com um espalho na mãos.
 — Que bajunça e essa, crianças?
 O espalho refeitiu o abacaxi sua... sujo de farinha, o bi...pintinho cheio de pó e o cachorro com um chi...chis...chicrete grustado na orelha.
 Todos riram. E a vovó disse:
 — Agora, tome um banho e depois vá...vamos ao dentista! Comer esse abacaxi assim vai estra... estragar os dentes!
 Ele obedeceu e, no final do dia, contarar todo... tudo... todo a aventura enquanto comiam arroz com cebola na jantar.
 Moral da história: Curio-si-dade é boa, mas com cui-da-do e companhia, a aventura e muito mais divertida!”

Na análise das variações linguísticas presentes no ambiente escolar, observou-se que os alunos apresentam trocas frequentes de letras, como “o” por “u” (pintinho), “e” por “i” (iscola) e “l” por “r” (probrema). Notou-se também que, em sua maioria, o dialeto tende a ser neutralizado com o tempo; apenas crianças recém-chegadas de outras regiões mantêm essa característica, muitas vezes com receio, timidez ou medo do preconceito.

Outro fenômeno identificado foi a suposição do que está escrito: alguns alunos leem apenas a primeira sílaba e completam a palavra com um termo corriqueiro de seu vocabulário, ainda que fora do contexto. Além disso, foram registradas trocas, omissões e acréscimos de letras, influenciadas pelo dialeto que compõe sua identidade linguística.

Durante as leituras, diversos alunos pularam frases, repetiram sílabas (con...confuso; tro...tropeçando) ou realizaram a leitura silabada (a-pa-re-ceu). Esses comportamentos revelam o esforço cognitivo de relacionar o texto escrito à oralidade, algo comum em fases iniciais do letramento.

A transposição de fonemas (“bajunça” por “bagunça”) e a dificuldade em pronunciar grupos consonantais também foram frequentes. Nesses casos, os alunos percebem que a pronúncia está diferente, mas ainda não possuem maturidade ou conhecimento gramatical suficiente para identificar e corrigir essas trocas conforme a norma-padrão.

Uma das crianças relatou ter poucos amigos. Questionada pela pesquisadora sobre o motivo, respondeu: “Acho que é porque sou e falo diferente, né tia? Eles falam caRne e eu cArne, ou eles poRta e eu pÓrta, e aí eles zoam e falam que eu falo errado e sou bahianês. Mas eu amo a Bahia, tenho saudades de ir na praia e pegar carangueijo no mangue com meu pai.”

Esse relato evidencia a presença do preconceito linguístico e seu impacto nas relações sociais dentro do ambiente escolar, conforme apontado por Bagno (1999). O preconceito não

atinge apenas a fala, mas a identidade do sujeito, fazendo com que ele se sinta “errado” em um espaço que deveria ser de acolhimento. Daí a importância de a escola assumir seu papel de agente no combate ao preconceito linguístico, promovendo respeito e valorização de todas as variantes da língua.

Na análise da fala espontânea, observou-se que os alunos compreenderam a proposta com facilidade. No entanto, chamou atenção o fato de a maioria não reconhecer a figura (3), de um caminhão, nomeando-a como “camionete”. O mesmo ocorreu com a figura (15), de uma dentista, que foi identificada por muitos como “médica”, termo de uso popular. Esses dados confirmam a ocorrência das variações geográficas (diatópicas), conforme discutido por Alkimin e Camacho (2001).

O desafio educacional diante das variantes linguísticas é duplo. Por um lado, a escola precisa ensinar a norma-padrão, essencial para a inserção social e para o desenvolvimento acadêmico dos alunos. Por outro, deve reconhecer e valorizar as variações linguísticas e dialetais, acolhendo o conhecimento prévio das crianças e respeitando sua identidade. O objetivo não deve ser “corrigir” a fala do aluno para que se enquadre em um padrão único, mas oferecer ferramentas para que ele aprenda a transitar entre diferentes variedades linguísticas, adaptando-se aos contextos em que está inserido.

A análise confirma a ideia de Alkimin e Camacho (2001), de que todas as variantes são igualmente válidas para expressar ideias e significados. Ao aplicar essa mesma investigação em diferentes grupos, considerando suas bagagens culturais e identitárias, a pluralidade dialetal se revela como parte da história e da realidade de cada criança. Seja no Norte ou no Sul, chamando de “médica” ou “dentista”, a comunicação acontece, fortalece vínculos e revela pertencimento a um lugar, a um povo e a uma comunidade.

Embora o ambiente escolar seja diverso e plural, a conversa com os alunos entrevistados revelou que a pauta da variação linguística quase não é trabalhada. Muitos não se sentem apoiados nem incluídos. Quando surgem episódios de preconceito ou xenofobia em sala, a reação docente costuma se limitar a frases prontas, como “vamos respeitar os coleguinhas” ou “não estou achando graça”. Perde-se, assim, a oportunidade de transformar esses momentos em discussões pedagógicas sobre diversidade e respeito. É papel da escola conscientizar os alunos, mostrando que não existem formas “certas” ou “erradas” de falar, mas sim variações linguísticas e a norma-padrão, voltada à regulação da escrita e de contextos formais, e não à padronização da oralidade da sociedade brasileira.

A análise mostra que a escola ainda não transforma a pluralidade linguística em recurso pedagógico. Bagno (2013) critica justamente a insistência em um ensino preso à

norma-padrão, que ignora formas de expressão populares. Para o autor, em um país tão plural como o Brasil, não existem falantes da norma-padrão. Superar essa visão limitada significa reconhecer que as variações fazem parte da identidade do aluno e integrá-las ao ensino, promovendo equidade. A pluralidade, nesse sentido, deixa de ser vista como obstáculo e passa a ser recurso para uma aprendizagem mais crítica e inclusiva.

As análises também mostraram que os alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental apresentam dificuldades de leitura: alguns pulam palavras ou frases, outros silabam termos de uso comum. A escola pesquisada reúne crianças de diferentes perfis sociais, em especial oriundas das regiões Norte e Nordeste do país, muitas vindas com suas famílias em busca de melhores condições de vida.

Conclui-se, portanto, que as variações linguísticas estão presentes no ambiente escolar, mesmo quando a sociedade insiste em ignorá-las. Elas são marcas da identidade cultural e regional de cada estudante, e cabe à escola desenvolver práticas pedagógicas inclusivas, capazes de promover respeito, bem-estar e valorização da diversidade.

CONCLUSÃO

A pesquisa evidenciou que as variações linguísticas fazem parte do cotidiano escolar e constituem marcas identitárias dos alunos, revelando sua história, cultura e pertencimento social. No entanto, a escola ainda tende a invisibilizar essas diferenças, restringindo-se muitas vezes ao ensino da norma-padrão e deixando de transformar a diversidade linguística em recurso pedagógico.

Os relatos dos estudantes e as análises das produções orais e leituras mostraram não apenas dificuldades de leitura e escrita, mas também situações de preconceito linguístico que afetam a autoestima e a socialização. Esses episódios reforçam a urgência de uma prática pedagógica que reconheça e valorize a pluralidade da língua, em vez de reduzi-la a um padrão único.

A Sociolinguística, ao discutir a legitimidade das variações e ao desmistificar a ideia de um “português correto”, oferece subsídios para que educadores compreendam a língua como fenômeno social e cultural. Nesse sentido, o professor assume papel central: cabe a ele orientar os alunos a transitarem entre diferentes registros linguísticos sem que isso signifique negar sua identidade.

Conclui-se, portanto, que reconhecer as variações dialetais e combater o preconceito linguístico são passos indispensáveis para uma educação inclusiva e transformadora. Valorizar a fala do aluno como ponto de partida para o ensino contribui para a construção de

uma escola mais justa, em que a diversidade não seja vista como problema, mas como potencial de aprendizagem e de formação cidadã.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T.; CAMACHO, R. G. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteira**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 30. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. *E-book*.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

FREITAG, R. M. K.; SÁ, J. J. de S. Leitura em voz alta, variação linguística e o sucesso na aprendizagem inicial da leitura. **Revista de língua inglesa, literaturas em inglês e estudos culturais**, Florianópolis, v. 72, n. 3, p. 41-62, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2019v72n3p41>. Acesso em: 24 mar. 2025.

MACHADO, A. P. G. Variação linguística e leitura: fenômenos variáveis da fala na leitura em voz alta. **A Cor das Letras**, v. 19, n. 4, p. 196-218, 2018.

MOLLICA, M. C. **Linguística e ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2004.